

## **O meu maior prazer é escrever para este blog: a textualização de si em mídias digitais enquanto um dispositivo de autoajuda para mulheres praticantes de *Dominação Feminina*<sup>1</sup>**

**My greatest pleasure is writing for this blog: the textualization of the self in digital media as a self-help tool for practitioners women of Female Domination**

Bruno Henrique Benichio Alves Barbosa<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente relato de pesquisa tem como finalidade apresentar algumas observações oriundas de uma exploração etnográfica em *blogspots* de *Dominação Feminina*, uma categoria do BDSM. Mediante a contribuição teórica e metodológica de uma série de estudos realizados em contextos digitais, a pesquisa efetuou uma etnografia digital em três *blogspots*, tendo como objetivo compreender quais são os objetivos que as Dominadoras possuem ao se textualizarem em seus *blogs*. Distante de uma dicotomia entre o “virtual” e o “real”, visualizou-se que os *blogspots* aparecem como ferramentas que amplificam contatos com possíveis parceiros sexuais, como mecanismos de legitimação de suas sexualidades e como aparatos de um aprimoramento de si em práticas e relacionamentos de *Dominação Feminina*.

**Palavras-Chave:** BDSM, Mídias digitais, Etnografia digital, Gênero, Sexualidade.

**Abstract:** The present research report aims to present some observations from an ethnographic exploration in *Female Domination blogspots*. Through the theoretical and methodological contribution of a series of studies carried out in digital contexts, the research carried out a digital ethnography in three *blogspots*, aiming to understand what are the objectives that the *Dominators* have when they textualize themselves in their blogs. Far from a dichotomy between the “virtual” and the “real”, it was visualized that the *blogspots* appear as tools that amplify contacts with possible sexual partners, as mechanisms of legitimation of their sexualities and as devices for self-improvement in practices and relationships of *Female Domination*.

---

<sup>1</sup> Este trabalho é fruto de uma pesquisa financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP – Processo 2020/02924-9).

<sup>2</sup> Mestrando em Sociologia pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), com bolsa financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). São Carlos – São Paulo - Brasil. ORCID: [orcid.org/0000-0002-2351-3285](https://orcid.org/0000-0002-2351-3285). E-mail: [brunohbab@estudante.ufscar.br](mailto:brunohbab@estudante.ufscar.br).

**Keywords:** BDSM, Digital media, Digital ethnography, Gender, Sexuality.

### **1. Como assim nunca pode dizer o “não”? – Uma introdução ao BDSM de verdade, a Dominação Feminina e as suas prescrições de segurança<sup>3</sup>.**

A sigla BDSM representa respectivamente *Bondage*, Disciplina e Dominação, Submissão e Sadismo e Masoquismo. O termo *Bondage* se refere à utilização de objetos eróticos, como cordas, algemas, mordanças, coleiras para prender, amarrar ou restringir sentidos sensoriais e movimentos. As demais palavras aludem às normas hierárquicas e às práticas fetichistas que se estabelecem entre os adeptos. Por esse ângulo, o acrônimo BDSM agrupa no seu âmago um conglomerado de performances fetichistas compostas por jogos de poder consensuais que são efetuados entre duas ou mais pessoas, sendo essas práticas classificadas em categorias singulares de acordo com as experiências específicas que são travadas entre as apreciadoras (FACCHINI, 2008; LEITE JÚNIOR, 2000).

Durante a execução de pesquisas exploratórias em contextos digitais para a confecção de um projeto de pesquisa que originou minha iniciação científica, pude constatar uma presença abundante de categorias de práticas de BDSM, sendo a *Dominação Feminina* uma delas<sup>4</sup>. Brevemente, essa categoria se exprime por meio de mulheres cis ou trans que assumem posições eróticas de poder em contextos de BDSM, operando atos de dominação e disciplinamento daqueles que consensualmente fantasiam se submeter às suas autoridades.

Essas mulheres se denominam mediante algumas nomenclaturas, como Rainha, Domme, Mistress, Dona, Dominadora, dentre outras. Nesse sentido, os sujeitos que se apoderam do polo passivo das práticas são intitulados como *escravos(as), peças,*

<sup>3</sup> Todas as palavras e frases grafadas em itálico durante este texto se referem às enunciações do campo de pesquisa.

<sup>4</sup> A pesquisa se iniciou institucionalmente em dezembro de 2020 após a concessão de uma bolsa de Iniciação Científica (IC) da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP – Processo 2020/02924-9). De qualquer forma, as sondagens embrionárias nesse campo singular de pesquisa se originaram em agosto de 2019.

*brinquedos, submissos(as)*<sup>5</sup>. A posição de submissão pode ser encarnada tanto por homens, quanto por mulheres, sendo as práticas *Dominação Feminina* definidas precisamente através da presença de uma mulher em posição de soberania, independentemente do gênero da pessoa que esteja subjugada ao seu poder.

As práticas de *Dominação Feminina* se configuram por performances que alteram os papéis de gênero e que produzem inflexões nos parâmetros tradicionalistas e normalizadores de sexualidade e gênero, aparecendo como oportunidades novas de experimentação de si e uso dos prazeres para mulheres. De qualquer modo, a operação de tais tensões ocorre ao mesmo tempo em que se destina componentes culturais de um universo de significações considerado como “feminino” aos sujeitos dominados, transferindo para essas pessoas os portes de passividade convencionalmente destinado às mulheres em outros espaços sociais (BARBOSA, 2021).

[...], os ‘mundos’ femininos e masculinos são colocados em lados opostos, sendo o feminino subjugado ao masculino. O masoquismo e a feminização são diretamente relacionados ao fator do ‘psicológico feminino’: a feminização é uma humilhação, mesmo consentida. É um processo que já é humilhante por si só, e a depreciação do feminino, com palavras como os mencionados, efetiva uma dupla humilhação (SILVA, 2015, p. 103-104).

Nesse sentido, a *Dominação Feminina* é um fenômeno social que denota uma posituação da figura da mulher que domina, como se essas práticas representassem uma expansão das possibilidades de se assentar em caracteres de empoderamento feminino e de libertação de si frente às amarras morais e culturais. Simultaneamente, essa mesma “feminilidade” é manuseada simbolicamente para intentos de desqualificação moral e humana do sujeito que ocupa o polo passivo do elo erótico, sendo a incorporação da categoria “mulher” um pretexto de inferiorização, ridicularização e humilhação (SILVA, 2015).

---

<sup>5</sup> A palavra Dominadora escrita nos contextos digitais com a primeira letra em maiúsculo e a escravo com o caráter inicial em minúsculo indicam a hierarquia de dominação e submissão existente entre essas pessoas.

Em geral, os adeptos do BDSM se orientam mediante alguns parâmetros rígidos de segurança expressos na tríade São, *Seguro e Consensual* (SSC) que se expressam em orientações regulamentares que devem permear as práticas de dominação e submissão estabelecidas entre duas ou mais pessoas. Essas ferramentas operam na qualidade de promover uma seguridade física e psicológica para os praticantes de uma cena de BDSM, além de atuar como uma narrativa de defesa frente às compreensões sociais que denotam essas experiências como crime e “perversão” (FACCHINI, MACHADO, 2013; SILVA, 2016; ZILLI, 2018).

Em síntese, a palavra São alude ao entendimento de que para realizar práticas de BDSM é necessário que os membros da performance erótica estejam psicologicamente estáveis, ou seja, não é recomendado participar desses cenários se o sujeito possuir algum gênero de instabilidade psicológica expressa, por exemplo, em depressão e síndrome do pânico, uma vez que se considera que essas experiências eróticas podem despertar gatilhos emocionais e engendrar sofrimentos psíquicos para pessoas que portam algumas vulnerabilidades emocionais.

O vocábulo *Seguro* é composto pela noção de que as práticas de BDSM devem impreterivelmente se permear por contextos rodeados de segurança física e psicológica para ambos os *lados do chicote*. Deste modo e em geral, os adeptos instituem imprescindivelmente como prescrição, a efetuação de estudos sobre o universo BDSM, sobre o estilo de vida dos seus apreciadores e das performances que se encontram nesse meio, visando tanto um aprimoramento nas técnicas de dominação e submissão quanto um desenvolvimento de níveis de seguridade física e psicológica para os envolvidos<sup>6</sup>.

A título de exemplo, o *Aftercare* é um preceito que coloca como norma o zelo da pessoa que domina em relação ao sujeito submisso após as práticas de BDSM. Nesse sentido, é recomendado o estabelecimento de um cuidado sobre o escravo posteriormente às cenas de *Dominação Feminina*, constatando se o mesmo se encontra

---

<sup>6</sup> Hodiernamente, o acesso à pedagogia do universo BDSM é majoritariamente feito por meio das mídias digitais (MACHADO, 2017).

bem e estável e se comunicando objetivamente com o mesmo para verificar se alguma prática realizada ultrapassou seus limites psicológicos e físicos.

Em uma perspectiva similar, a *safeword* se expressa em um outro mecanismo de segurança para as pessoas que participam de uma cena BDSM. Caracterizando-se por uma palavra ou por um gesto acordado entre o elo erótico anteriormente a efetuação das práticas, essa ferramenta indica a necessidade de cessar o contexto de dominação no momento em que as práticas estiverem extrapolando as limitações do *submisso*.

A palavra *Consensual* diz respeito à compreensão de que todas as práticas de BDSM só podem ser estabelecidas se ambos os praticantes consensualmente aceitarem participar delas, ou seja, qualquer experiência fetichista nesse âmbito deve ser permeada por uma consensualidade robusta firmada entre àqueles que desejam se inserir nos âmbitos eróticos de dominação e submissão. Deste modo, qualquer contexto que esteja fora da tríade SSC é comumente repudiado pelos adeptos ao meio BDSM, sendo prontamente negada por aqueles que advogam a validade do BDSM de verdade, ou seja, aqueles que consideram a relevância e a indispensabilidade do trio São, *Seguro e Consensual* (FACCHINI, MACHADO, 2013; ZILLI, 2018).

## **2. Das mídias impressas para as digitais: o desenvolvimento da comunidade BDSM no Brasil**

No início dos anos 1980, a redemocratização brasileira se estabeleceu conjuntamente ao surgimento de movimentos sociais e identitários brasileiros que contestaram o regime militar, reivindicando suas pautas ligadas à liberdade de expressão e relacionadas aos direitos civis, políticos e sociais. Nesse período, apesar da inexistência de uma comunidade BDSM<sup>7</sup> geograficamente delimitada, adjunto a essas inquietações

---

<sup>7</sup> É importante destacar que “comunidade BDSM” é um termo êmico que não necessariamente alude à um conjunto de praticantes geograficamente delimitados e que igualmente não possui conexões com questões identitárias. Deste modo, essa expressão é utilizada pelas adeptas para sinalizar o segmento de sujeitos que se identificam com práticas não convencionais de prazer e que executam empreendimentos coletivos

políticas, alguns expoentes importantes do meio, como Glauco Mattoso e Wilma Azevedo iniciaram uma produção literária erótica sobre sadomasoquismo, dado a influência de leituras e contatos com grupos fetichistas estrangeiros<sup>8</sup> (LEITE JÚNIOR, 2000; MACHADO, 2017).

Anteriormente ao advento e expansão comercial da internet no final dos anos 1990, havia uma dificuldade de organização de encontros, trocas de informações sobre práticas e desejos entre os adeptos desse universo fetichista. Em geral, as buscas por pessoas com os mesmos prazeres eram feitas através de anúncios em revistas pornográficas. Nesse período, os saberes sobre as práticas estavam presentes na literatura erótica de Glauco Mattoso e Wilma Azevedo, que são influências na comunidade até hoje (MACHADO, 2017).

No início dos anos 1990, os praticantes de BDSM começaram a se aglutinar em pequenas reuniões e encontros na cidade de São Paulo. Paulatinamente, os primeiros bares e casas noturnas foram criados para viabilizar o encontro dos apreciadores, a realização dos seus desejos e a criação de espaços de compartilhamento e difusão de saberes sobre suas práticas fetichistas<sup>9</sup> (FACCHINI 2008, LEITE JÚNIOR 2000).

Ainda que com um recorte de classe expresso em lidar com os custos de aparelhos eletrônicos e conexão à internet, no final dos anos 1990 e início dos anos 2000, período de expansão da internet comercial, as mídias digitais passaram a contornar o cotidiano de muitos grupos sociais tradicionalmente deslegitimados por discursos e instituições de poder. Por exemplo, os homossexuais passaram a utilizar as

---

de auxílios expressos em cuidado, informação e posituação dos seus estilos de vida (FACCHINI, 2008; FACCHINI, MACHADO, 2013; ZILLI, 2018).

<sup>8</sup> No tocante à relevância do trabalho de Glauco Mattoso para o BDSM e para contestações ao regime militar, consultar Machado (2017).

<sup>9</sup> Conforme Facchini (2008), os primeiros encontros foram realizados na década de 1990 pelo grupo SoMos. Os sujeitos que administravam essa comunidade foram demasiadamente relevantes para o início da difusão de práticas e saberes do universo BDSM no Brasil.

mídias digitais para possibilitar encontros e estabelecer contatos com outros homens com desejos semelhantes<sup>10</sup> (MISKOLCI, 2017).

Os adeptos do BDSM começaram a fazer parte do universo digital nessa mesma época, compartilhando informações sobre sua comunidade, divulgando os cuidados sobre as práticas e procurando edificar a legitimação de suas subjetividades e comportamentos historicamente condenados pelos discursos de normatização do corpo focados na reprodução heterossexual e monogâmica (FACCHINI, MACHADO, 2013; RUBIN, 2017; ZILLI, 2018).

Sendo assim, a internet possibilita a construção de canais e redes de sociabilidade entre praticantes de BDSM. De qualquer maneira, essas pessoas ainda convivem com os efeitos dos regimes de poder que baseiam a performance social e sexual do corpo, de acordo com parâmetros normativos sobre uma coerência de sexo, gênero e desejo (RUBIN, 2017; ZILLI, 2018).

Ainda que não haja contemporaneamente um consenso da psiquiatria sobre a patologização das práticas de BDSM e nas últimas edições o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5) da Associação Americana de Psiquiatria tenha se configurado de maneira distinta no tocante à psiquiatrização integral do BDSM (SILVA, 2016; ZILLI, 2018), os impactos da narrativa médica ainda circundam outras inteligibilidades sociais e culturais sobre o BDSM, fazendo com que os praticantes executem tentativas frequentes de afastamento de suas experiências eróticas da doença e da “perversão”<sup>11</sup> (FACCHINI, MACHADO, 2013; ZILLI, 2018).

---

<sup>10</sup> Miskolci (2017) demonstra que as mídias digitais são estrategicamente utilizadas por homens que fazem sexo com homens dado que elas propiciam uma discricção sobre seus desejos e proporcionam a manutenção de uma vida social heterossexual de fachada para familiares e amigos.

<sup>11</sup> As discussões sobre a presença de preconceitos que preterem as práticas eróticas do BDSM são prontamente encontradas em publicações em páginas e fóruns na internet. O maior destaque é destinado a uma defesa em relação ao discurso psiquiátrico. É curioso visualizar que esse empreendimento é historicamente realizado por meio de um debate intenso com a psicologia e a psiquiatria na internet, eventos e workshops em casas noturnas de BDSM. Embora não seja um consenso, frequentemente os praticantes consomem empréstimos da própria linguagem médica, utilizando-a a seu favor e usufruindo do seu caráter de discurso de verdade para (des)identificar suas condutas eróticas em relação a transtornos mentais (FACCHINI, 2008; ZILLI, 2018).

Além disso, a reverberação da complexa linguagem médica ecoa sobre a produção de outros saberes, engendrando a desaprovação do BDSM sobre o prisma de variadas instâncias socioculturais, certificando a perpetuação de impasses à liberdade de expressão desse gênero de prazer e levando essas pessoas às estratégias de anonimato e discrição sobre suas práticas e estilos de vida (FACCHINI, MACHADO, 2013; MACHADO, 2017; RUBIN, 2017). Desta forma, a comunidade BDSM empreende variados esforços para lidar com os efeitos das narrativas de poder, construindo estratégias de inversão dos saberes normativos e fabricando saberes localizados em suas redes de sociabilidade, sobretudo, na internet (FACCHINI, MACHADO, 2013; ZILLI, 2018).

Descrito esse contexto, pode-se constatar que o uso das mídias digitais pelos praticantes de BDSM não se caracteriza por um acontecimento ocasional que desapareceu ao passar das décadas, tendo em vista que esses contextos digitais exibem visível centralidade na vida dos praticantes, como pude visualizar em pesquisas exploratórias feitas no *Facebook*, em outras plataformas *Bloggers*, como *Wordpress* e *Tumblr* e igualmente em um grupo no *Whatsapp* que se intitula como o oficial de BDSM no Brasil e que possui mais de 300 membros.

Nesse sentido, o objetivo geral da pesquisa foi o de analisar a *Dominação Feminina* por meio de uma etnografia digital em três *blogspots*, analisando quais são as práticas eróticas que estão conectadas às performances de gênero e sexualidade dessa categoria de BDSM. De qualquer forma, a finalidade deste texto consiste em apresentar algumas constatações gerais oriundas do objetivo específico da pesquisa que se expressou em explorar as finalidades que as praticantes de *Dominação Feminina* empregam sobre os usos de *blogs* para efetuar uma publicização e textualização de si.

### 3. Materiais e métodos

Para analisar as práticas de *Dominação Feminina*, mobilizei como referencial teórico Butler (2019) e Foucault (2017; 2018) que compreendem que as sexualidades

dissidentes não estão antes ou depois do poder, tampouco fora dele. Deste modo, explorei essa categoria do BDSM através de uma ótica analítica que me permite visualizar simultaneamente o modo como essas sexualidades dissidentes podem promover inflexões sobre sistemas normativos fundamentados em uma coerência entre sexo, gênero e desejo, ao mesmo tempo em que absorvem empréstimos da díade passivo e ativo e de inúmeros outros componentes normalizadores advindos do dispositivo da sexualidade.

Para contemplar o objetivo específico de compreender as finalidades que as praticantes de *Dominação Feminina* procuram na criação e manuseio contínuo de blogspots nos contextos digitais, me baseei teoricamente e metodologicamente em pesquisadoras e pesquisadores como Dutton (2013), Hine (2015), Horst e Miller (2012) e Miller et al. (2019), expoentes que me auxiliaram a engendrar uma etnografia digital que procurou entender: quem são as mulheres que utilizam essas mídias digitais sobre uma perspectiva interseccional dos marcadores sociais da diferença; o porquê da manipulação desses contextos de um modo específico, refletindo-se principalmente sobre discursos de poder no entorno do BDSM e sobre delineamentos culturais, urbanos e morais que circundam as praticantes e os objetivos que implicam o emprego dos *blogs* em suas vidas cotidianas.

Os materiais fundamentais para alcançar os objetivos dessa pesquisa foram três *blogspots*. Dois deles são de autoria de *Dominadoras* e um deles criado e mantido por uma escrava. Esses blogs são repletos de imagens e textos que trazem: informações explícitas sobre as práticas de *Dominação Feminina*, incluindo fotos das sessões e descrição sobre as dinâmicas que estiveram presentes no momento, textos de autoajuda expressos em sugestões e conselhos sobre o universo BDSM para iniciantes nesse meio, além da exposição de cuidados que devem rondar essas práticas e a indispensabilidade da consensualidade para vivenciá-las.

Os *blogs* foram escolhidos considerando a quantidade semanal de postagens e a abundância qualitativa de informações acerca da *Dominação Feminina*. A coleta dos

dados foi feita durante 14 dias de trabalho de campo, nos quais foram colhidas cerca de 70 publicações em cada um dos três blogs e as registrei em um caderno de campo para uma posterior análise baseada nos aparatos teóricos e metodológicos que permeiam a pesquisa. Além disso, foram realizadas algumas entrevistas com as praticantes de *Dominação Feminina* por intermédio de plataformas online de comunicação síncrona, como *Google Hangouts* e *Messenger*.

Ao longo da realização da pesquisa, destaco que foi preciso considerar alguns parâmetros éticos para lidar com os dados das *Dominadoras*. Sendo assim, baseando-se no documento *Internet Research: Ethical Guidelines 3.0*. (ASSOCIATION OF INTERNET RESEARCHERS, 2020), decidi inserir nomes fictícios às colaboradoras de pesquisa, assim como editar textualmente os relatos publicados nos *blogspots* que fossem ser utilizados para textos oriundos da pesquisa, pois, se transcritos diretamente, podem ser encontrados por pessoas más intencionadas em mecanismos de busca *online*, como o da empresa *Google*.

#### **4. Os escravos que brotam, as mulheres empoderadas e a escrita que recupera o tesão: os objetivos que rondam os usos de blogspots de Dominação Feminina**

Fundamentando-se nas reflexões teóricas e metodológicas de Miller e Horst (2015) sobre pesquisas em contextos digitais, tive como foco a aplicação de um relativismo etnográfico que insere a perspectiva de que não existe um uso universal e homogêneo da internet e de suas tecnologias, uma vez que de acordo com as regiões geográficas, com as diferenças expressas em classe, gênero, sexualidade, raça, isto é, conforme o grupos de pessoas e os contextos políticos e culturais que as permeiam, se estabelecem usos distintos das mídias digitais (MILLER et al., 2019).

Ademais, esses expoentes igualmente me auxiliaram a refletir sobre a necessidade de se orientar mediante um holismo etnográfico que visa compreender os

fenômenos digitais para além dos seus contextos mediados pela conexão da internet, o que indica que foi necessário refletir sobre uma miríade de fatores que estão para além das mídias digitais e que rondam as praticantes de BDSM, como delineamentos urbanos, moralidades e sistemas normativos.

Destaco que ainda que seja possível estabelecermos padrões de usos nos contextos digitais, tendo em vista que a arquitetura digital induz os nossos manuseios de alguma forma, não é oportuno generalizarmos as formas pelas quais as pessoas se munem dessas tecnologias, dado os usos particulares e os significados subjetivos impressos à essas mídias que podem ser influenciados de acordo com cada país, regiões, cidades, grupos, indivíduos e diferenças (MILLER, et al., 2019; MILLER, SLATER, 2004).

Como exposto anteriormente, a ausência de mecanismos digitais que intensificam e facilitam atualmente o acesso às informações da comunidade BDSM, e a escassa presença de localidades especializadas para a efetuação de práticas, geravam alguns impasses para processos de subjetivação, reconhecimento de si e para o encontro com pessoas compostas por fantasias semelhantes.

Desta maneira, as mídias digitais, sejam elas, *blogspots* ou páginas e perfis em redes sociais como o *Facebook* e o *Instagram*, viabilizam o acesso dessas pessoas aos saberes, aos possíveis parceiros e aos discursos de posituação do BDSM, sobretudo quando refletimos sobre as localizações geográficas em que alguns praticantes se inserem, essas que, por exemplo, interioranas, não possuem casas noturnas voltadas para o público BDSM ou mesmo festas organizadas pelos praticantes locais. Os locais de entretenimento noturno ou festas privadas organizadas pelo público BDSM se encontram em capitais brasileiras ou em cidades de grande porte, sendo escasso espaços físicos viáveis para encontros e estabelecimento de sociabilidades em cidades médias e pequenas do interior do Brasil<sup>12</sup>.

---

<sup>12</sup> Ressalto que ainda que em cidades grandes haja a existência de espaços para praticantes de BDSM, isso não indica automaticamente que as pessoas frequentarão esses âmbitos, considerando-se por exemplo, questões de classe expressas em lidar com os custos de ingressos de entrada em casas noturnas de BDSM.

Ademais, quando ponderamos sobre as diferenças expressas em desigualdades de gênero e sexualidade, vislumbramos que ao veicular possibilidades de anonimato e discrição, as interfaces digitais são estrategicamente utilizadas por essas pessoas, que por estarem muitas vezes inseridas em atmosferas culturais, morais e urbanas que preteririam o BDSM, encontram nas mídias digitais possibilidades de ressignificarem as narrativas deletérias que as permeiam, ampliando o repertório de parceiros sexuais e positivando suas expressões eróticas historicamente repreendidas por discursos de patologização do corpo e da mente.

Considerando-se as localidades urbanas em que se residem ou transitam, duas colaboradoras de pesquisa creditam nos seus *blogs* a possibilidade de encontrar novos parceiros para práticas de *Dominação Feminina*. Nesse sentido, a publicização e a textualização de si nos *blogs* possui como uma das finalidades auferir novos candidatos a escravos, nas palavras da informante: “[...] eu não preciso ir atrás de novos brinquedos, pois com o blog, eles simplesmente brotam” (Relato de entrevista realizada em fevereiro de 2021). Sendo assim, um dos objetivos dos usos de *blogspots* se assentam num horizonte aspiracional de conhecer novas pessoas do meio BDSM em regiões geográficas ausentes de espaços voltados para o público e em territórios culturais que inviabilizam a livre expressão desse desejo em público. Os *blogspots* igualmente são mobilizados como mecanismos estratégicos de negociação com saberes hegemônicos que em algum nível preterem o BDSM. Nessa lógica, ao produzir textos e relatos configurados por uma legitimação dessas práticas, as *Dominadoras* proliferam numerosos aparatos de subjetivação para sujeitos curiosos ou iniciantes no meio BDSM. No relato de uma *Dominadora*: “Eu ofereço muito ao feminismo: mulheres poderosas e empoderadas e homens castos e obedientes” (Publicação coletada e transcrita em janeiro de 2021)<sup>13</sup>.

---

<sup>13</sup> Por questões éticas apresentadas no tópico anterior, todos os trechos de relatos publicados digitalmente apresentados neste texto são modificados sem perderem seus sentidos originais, considerando-se a indispensabilidade de manter o anonimato sobre as identidades reais das mulheres que participaram deste trabalho

Nas palavras de uma colaboradora de pesquisa que é uma escrava e que possui um relacionamento com uma Rainha:

[...] tenho o blog para relatar o que estou sentindo e mostrar um pouco do que eu vivo, com isto posso ajudar várias pessoas que são o que um dia eu fui e que sonham e que têm o desejo de ler histórias verdadeiras para se identificarem (Publicação coletada e transcrita em janeiro de 2021).

Como essa informante relata em algumas publicações e também durante uma entrevista, o principal objetivo do seu *blog* é: “[...] mostrar para pessoas com desejos similares aos meus que é possível chegar onde eu cheguei” (Publicação coletada e transcrita em janeiro de 2021). Essa e outras colaboradoras de pesquisa aspiram que mediante suas publicações positivadas sobre as práticas de *Dominação Feminina* e o estilo de vida BDSM, elas podem auxiliar outras pessoas com histórias de vida similares, fazendo-as se reconhecerem e se aceitarem como uma *Dominadora* ou como um escravo.

[...] eu daria a minha vida para ler um blog assim antes de ter minha Dona e ser uma escrava. Com os relatos podemos simplesmente sonhar e ver que é possível, ou viver o que não temos coragem ou não conseguimos por diversos motivos (Publicação coletada e transcrita em janeiro de 2021).

Conforme Facioli e Miskolci (2015), as mídias digitais podem propiciar âmbitos de ressignificações de experiências de subalternidade, engendrando contextos em que se produzem possibilidades de negociação com os discursos de poder, nos quais os sujeitos compartilham suas angústias e dilemas expressos contradições morais e culturais e consequentemente criam substratos de autoajuda<sup>14</sup>. Ao refletir sobre os best-sellers e os elementos da cultura da autoajuda que se estabelecem em mídias impressas e digitais, Illouz (2014) constata que:

---

<sup>14</sup> Tal afirmação não sinaliza que as narrativas presentes nas interfaces digitais estejam ausentes de compreensões sociais generificadas, como demonstram Facioli (2013) e Prado (2015), justamente porque os contextos digitais não são configurações autocontidas em relação aos aspectos culturais e as relações de poder que se estabelecem para além da internet.

A autoajuda não é apenas um segmento do mercado; ela incorpora uma forma de cultura sem precedentes, ou seja, uma nova forma de o indivíduo se conectar com a sociedade. Visto que a modernidade envolve grande incerteza quanto ao valor pessoal e também quanto às normas e critérios morais que devem guiar os relacionamentos, a autoajuda torna-se um dos principais caminhos percorridos para moldar a própria individualidade (2014, p. 101, tradução minha<sup>15</sup>).

Illouz (2014) ressalta que vivemos em um cenário contemporâneo permeado de incertezas no campo das emoções e dos relacionamentos afetivos. Por esse ângulo, fundamentando-se no trabalho de Illouz, Gaiad (2019, p. 33) aponta que:

A autonomia individual, portanto, exposta aos diversos riscos que atormentam o indivíduo na sociedade de alta performance, encontra no mercado emocional uma diversidade de ideais sobre saúde mental e bem-estar psíquico, bem como fórmulas para a construção de um eu 'positivo' de elevada autoestima, produtivo e performático.

Os *blogspots* abordados nesta etnografia possuem uma atmosfera de autoajuda uma vez que por meio de numerosas publicações, as mulheres empreendem tentativas de proporcionar aparatos de auxílio emocional para praticantes de *Dominação Feminina* e para adeptos do BDSM em geral, fornecendo sugestões e dicas para se aprimorar nesse meio, e igualmente, nas palavras das colaboradoras para se *empoderar*<sup>16</sup>.

Essa dimensão de autoajuda destinada para aqueles que leem o *blog* se estende para as próprias autoras, ao passo que as mesmas relatam que ao escrever e reler as publicações, elas auferem emoções assentadas em liberdade e felicidade. Na narrativa de uma participante da pesquisa, o seu *blog* seria um ambiente no qual ela poderia: “[...], extravasar e desabafar sem filtros morais, pois não é qualquer lugar que dá para falar de

---

<sup>15</sup> Original: “Le self-help n’est pas seulement un segment du marché; il incarne une modalité inédite de la culture, c’est-à-dire une nouvelle manière pour l’individu de se connecter à la société. Parce que la modernité implique une incertitude considérable à l’égard de sa valeur personnelle comme à l’égard des normes et des critères moraux qui devraient guider les relations, le self-help devient l’une des principales voies que l’on emprunte pour modeler sa propre individualité”.

<sup>16</sup> A perspectiva de empoderamento feminino é empregada tanto para as *Dominadoras*, quanto para as escravas e escravos. Ainda que ser submissa ou submisso denote um cenário de inferioridade, as pessoas que ocupam esse polo frequentemente se relatam como empoderadas.

BDSM” (Relato de entrevista realizada em fevereiro de 2021). De modo similar, outra Dominadora narra que: “[...], o meu maior prazer é escrever para este blog, eu ajudo vocês e também me ajudo (Publicação coletada e transcrita em janeiro de 2021).”

Ademais, em suas narrativas, a escrita e a releitura das publicações para os *blogspots* promovem uma rememoração das experiências eróticas que propicia um tesão ao lembrar das performances de dominação e submissão e que fornece uma possibilidade de se aprimorarem em suas práticas de Dominação Feminina. Nos termos de uma colaboradora: “[...] o *blog* auxilia na correção dos erros do passado, ajuda na visualização das imperfeições e dos acertos para melhorar cada dia mais” (Publicação coletada e transcrita em janeiro de 2021). Tal afirmação corrobora com as observações de Illouz (2011) sobre a textualização de si nas mídias digitais:

Aprisionados na escrita, os sentimentos tornam-se objetos a serem observados e manipulados. A escrita afetiva faz o indivíduo desligar-se do caráter fluido e não reflexivo da experiência e transforma a experiência afetiva em palavras emocionais e num conjunto de entidades observáveis e manipuláveis (p. 51).

Deste modo, as orientações e sugestões pedagógicas dirigidas para os leitores ao longo de suas publicações também atuam como direções estratégicas para suas próprias experiências futuras de *Dominação Feminina*. Nesse sentido:

[...], a autoajuda proporciona prazer porque se situa na interface entre a realidade e a fantasia. Ela contém as instruções implícitas ou não com as quais os leitores podem enfrentar seus dilemas, tornando a leitura um ato performativo e essa performatividade é uma fonte de prazer, porque transpõe a fantasia em realidade. [...]. É essa crença que forma o cerne da cultura de autoajuda. A fantasia que a cultura da autoajuda encena é a de um ego que se autogera e se molda (ILLOUZ, 2014, p. 39, tradução minha<sup>17</sup>).

---

<sup>17</sup> Original: [...], le self-help procure du plaisir parce qu’il se situe à l’interface de la réalité et du fantasme. Il contient des instructions (explicites ou cachées) à l’aide desquelles les lectrices peuvent venir à bout de leurs dilemmes, et fait ainsi de la lecture un acte performatif – et cette performativité est une source de plaisir, car elle transpose le fantasme dans la réalité. [...]. C’est cette croyance qui constitue le coeur de la culture du self-help. Le fantasme que la culture du self-help met en scène est celui d’un moi qui s’auto-génère et qui se façonne lui-même.



Revista dos discentes do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar

## 5. Considerações finais

De modo geral, a pesquisa aponta que as mídias digitais são ferramentas centrais na vida das praticantes *Dominação Feminina*, sendo esses âmbitos fomentadores de uma cultura digital insurgente que busca a promoção da positivação de suas expressões sexuais e estilos de vida. Tais constatações apontam para a existência de discursos de poder assentados em numerosas epistemologias de normatização de corpos e prazeres que permeiam a vida dessas mulheres e que as induzem ao manuseio de mídias digitais para a expansão e para a ressignificação das possibilidades de si.

## Referências

ASSOCIATION OF INTERNET RESEARCHERS. **Internet Research: Ethical Guidelines 3.0.**, 2020. Disponível em: <https://aoir.org/reports/ethics3.pdf>. Acesso em: 17 abr. 2023.

BARBOSA, Bruno Henrique Benichio. **Entre o prazer e a dor: uma etnografia em contextos digitais de Dominação Feminina.** Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Sociologia), São Carlos: Universidade Federal de São Carlos - UFSCar, São Carlos, 2021.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.** Rio de Janeiro: Editora Brasileira, 2019.

DUTTON, William. Internet Studies: the foundations of a transformative field. In: DUTTON, W. (ed.). **The Oxford Handbook of Internet Studies.** London: Oxford University Press, 2013. Disponível em: <https://www.oxfordhandbooks.com/view/10.1093/oxfordhb/9780199589074.001.0001/oxfordhb-9780199589074-e-1>. Acesso em: 17 abr. 2023.

FACCHINI, Regina. **Entre umas e outras: mulheres, (homo)sexualidades e diferenças na cidade de São Paulo.** 2008. 323f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Campinas: Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, 2008.



Revista dos discentes do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar

FACCHINI, Regina; MACHADO, Sarah Rossetti. **Praticamos SM, repudiamos agressão: classificações, redes e organização comunitária em torno do BDSM, no contexto brasileiro.** Revista Sexualidade, Salud y Sociedad, Rio de Janeiro, n. 14, p. 195-228, 2013.

FACIOLI, Lara Roberta Rodrigues. **Conectadas: uma análise de práticas de ajuda-mútua feminina na era das Mídias Digitais.** Dissertação (Mestrado em Sociologia): São Carlos: Universidade Federal de São Carlos - UFSCar, 2013.

FACIOLI, Lara Roberta Rodrigues; MISKOLCI, Richard. **Conectadas: experiência de subalternidade e ajuda-mútua feminina online entre mulheres de classes populares.** Mediações, v. 20, n. 2, p. 129-159, jul./dez. 2015.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: a vontade de saber.** São Paulo: Paz e Terra, 2017.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder.** São Paulo: Paz e Terra, 2018.

GAIAD, Maraisa Gardinali. **A sociologia das emoções em Eva Illouz: o fenômeno da literatura de autoajuda.** Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), Araraquara: Universidade Estadual de São Paulo - UNESP, 2019.

HINE, Christine. **Ethnography for the internet: Embedded, Embodied and Everyday.** Londres: Bloomsbury Academic Publishing, 2015.

HORST, Heather A.; MILLER, Daniel. **Digital anthropology.** Londres: Berg, 2012.

ILLOUZ, Eva. **Hard romance: Cinquante nuances de Grey et nous.** France: Seuil, 2014.

ILLOUZ, Eva. **O amor nos tempos do capitalismo.** Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

LEITE JÚNIOR, Jorge. **A cultura S&M.** Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Ciências Sociais), São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP, 2000.

MACHADO, Sarah Rossetti. **De transtornos, tormentos e delícias: atores, redes e disputas de sentidos em torno do sadomasoquismo no Brasil (1980-2014).** Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), Campinas: Universidade Estadual de Cmapinas - UNICAMP, 2017.

MILLER, Daniel; et al. **Como o mundo mudou as mídias sociais.** Londres: UCL Press, 2019.



Revista des discentes do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar

MILLER, Daniel; HORST, Heather. A. O Digital e o Humano: prospecto para uma Antropologia Digital. **Parágrafo**, v. 2, n. 3, p. 91-111, 2015.

MILLER, Daniel; SLATER, Don. Etnografia on e off-line: cibercafés em Trinidad. **Horizontes Antropológicos**, ano 10, n. 21, p. 41-65, 2004.

MISKOLCI, Richard. **Desejos digitais**: Uma análise sociológica da busca por parceiros on-line. São Paulo: Editora Autêntica, 2017.

PRADO, Juliana do. **Dos consultórios sentimentais à rede**: apoio emocional pelas mídias digitais. Tese (Doutorado em Sociologia), São Carlos: Universidade Federal de São Carlos - UFSCar, 2015.

RUBIN, Gayle. Pensando o sexo: notas para uma teoria radical da política da sexualidade. In: RUBIN, G. (org.). **Políticas do sexo**. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

Texto recebido em 08/11/2021 e aprovado em 23/02/2022

DOI: 10.46269/10221.758